

TANIA ZAGURY



TANIA@TANIAZAGURY.COM.BR

Como prevenir contra o bullying

Na semana passada, vimos como a falta de conhecimento aliada a informações equivocadas podem facilmente conduzir as pessoas a se sentirem num mundo hostil e sem perspectivas e, em consequência, a um sentimento de apocalipse e de desesperança. Vimos também que, ao contrário, quanto mais buscamos o saber, mais nos habilitamos a encontrar formas adequadas de prevenir ou sanar problemas, sem pensar “que o mundo não tem mais jeito”.

No caso do bullying é importante, antes de qualquer coisa, estarmos cientes de que desentendimentos pessoais, que ocorrem vez por outra na vida de todos nós, nada têm a ver com a perseguição sistemática, intencionalmente preparada e covarde, que caracteriza o fenômeno bullying.

O que percebo, de modo geral, é que os pais têm muito medo de que os filhos se tornem vítimas desse tormento implacável e inconsequente. Raramente, no entanto, supõem que eles possam ser ou vir a ser os agressores nesse contexto.

Verdade é que qualquer pessoa insegura, agressiva e que busca se destacar e se sentir importante dentro de um grupo pode, sim, se transformar no agressor de outro, mais fraco.

Então, seja para quem agride ou para quem é agredido, e seja onde for que o problema surja, se faz necessário um trabalho conjunto firme e seguro entre escola e família.

Se ambas adotarem sistematicamente algumas medidas – de preferência antes que o problema surja –, a prevenção, que é a melhor maneira de atuar nessa e em outras questões, terá um efeito muito bom.

A primeira medida é a harmonização de atitudes: família e escola precisam agir de forma que os jovens percebam com clareza que nenhuma das duas aceitará atitudes antissociais, preconceito ou discriminação.

Outra atitude importante é assegurar – e divulgar – que quem denunciar o que agridem terá sigilo e proteção. O bullying

prospera e demora a ser descoberto porque, tanto quem sofre quanto quem assiste, tem medo de ficar desprotegido caso revele a agressão.

Outra coisa: é preciso que esse trabalho esteja presente na vida das crianças desde a infância. Se você desenvolve a empatia, que

é a capacidade de supor como o outro se sente se for perseguido ou injustiçado, quer dizer, se a criança aprende a compartilhar sentimentos, se desde pequena é educada para ser gentil e respeitosa e se acredita que essa forma de ser lhe garantirá espaço no grupo, a nossa tarefa estará quase finalizada.

Há ainda algumas outras medidas que pais e professores podem e devem tomar e que influem direta e positivamente:

a) tratar a questão dos limites com segurança e afeto, a partir dos 18 meses de idade;

b) não ter dúvidas e interferir sempre que se fizer necessário com atitudes firmes e objetivas no que diz respeito à formação ética dos jovens;

c) não aceitar que a criança desrespeite os mais velhos, os fracos e quem é diferente. Isto é, nós, adultos, precisamos reassumir o quanto antes o papel de formadores de cidadãos, abandonando a postura superprotetora cega e a crença de que amar é aceitar qualquer atitude, satisfazer todos os desejos, e não responsabilizar ou criticar atitudes antissociais.



Família e escola precisam agir de forma que os jovens percebam que nenhuma das duas aceitará atitudes antissociais, preconceito ou discriminação